

Representações da África e dos africanos em *O Coração das Trevas* – uma reflexão sobre literatura e imperialismo

Beatriz Polidori Zechlinski ¹

Resumo

O romance de Joseph Conrad, *O Coração das Trevas*, publicado na Inglaterra em 1902, narra uma viagem do marinheiro Marlow pela África. Nessa narrativa podemos perceber noções de civilização e de barbárie associadas às idéias de raça comuns no século XIX. Nesse artigo discuti-se os sentimentos de alteridade próprios do imperialismo, baseados nos conhecimentos da ciência racialista daquele período e no racismo vulgar. Este estudo busca pensar como o livro *O Coração das Trevas*, muito popular na Inglaterra e em outros países da Europa no início do século XX, pode ter contribuído para a divulgação de representações dos africanos e da África na Europa, que tiveram um forte papel na justificação da exploração desse continente pelos europeus e na discriminação dos negros.

Palavras-chave: imperialismo, representações, racismo.

Abstract

Joseph Conrad's romance, *Heart of Darkness*, published in England in 1902, narrates a Marlow's journey, a sailor, into Africa. In that narrative, civilization and barbarism notions were associated with the XIX century race ideas. This paper discusses the alterity feeling of the imperialism period, which was based on the science knowledge and in the vulgar racism. This study search how the *Heart of Darkness*, a very popular book in England and in other European countries in the beginning of the XX century, contributed to the popularization of Africa and Africans representations in Europe, that had a strong function in the justification of Africa exploration and in the discrimination of black people.

Key-words: imperialism, representations, racism.

Este artigo tem como objeto de reflexão o romance de Joseph Conrad, *O Coração das Trevas*, escrito em 1899 e publicado na Inglaterra em 1902. Nesse livro, a narrativa de uma viagem à África traz visões de civilização e de barbárie associadas às noções de raça, especialmente à divisão aceita naquele momento entre raça branca e negra. Tal conteúdo será muito útil para discutirmos os sentimentos de alteridade próprios do imperialismo. A razão principal desse estudo é pensar como o livro *O Coração das Trevas* pode ter contribuído para a divulgação de valores e de representações dos negros africanos e da África na Europa, que tiveram um forte papel na justificação da exploração desse continente pelos europeus e na discriminação dos negros.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná.

O autor desse livro, Teodor Joseph Conrad Korzeniowski, nasceu em 3 de dezembro de 1857, em Berdichev, na Ucrânia, e morreu em 3 de agosto de 1924, em Bishopsbourne, na Inglaterra. Ele foi marinheiro antes de se tornar escritor, tendo integrado a marinha francesa e britânica.

No livro *O Coração das Trevas* o narrador inicial, que narra em primeira pessoa, torna-se logo no início um ouvinte do marinheiro Marlow, a quem empresta a voz da narrativa. Assim, o velho marinheiro Marlow, que já havia protagonizado o livro anterior de Conrad, *Lord Jim* – de 1900, narra suas aventuras a bordo de um navio francês que sai em direção à África. Ficamos na verdade com dois narradores, mas a voz que prevalece é a de Marlow, pois o segundo narrador torna-se um ouvinte deste.

Marlow conta, para outros marinheiros, a história de quando trabalhava para uma companhia francesa interessada na exploração do marfim e no trabalho dos nativos africanos. Ele viajou descendo o Rio Congo à procura de um agente da companhia, chamado Kurtz, que gozava de grande reputação.

A noção de civilização, diretamente associada à Europa e à cultura européia, é o ponto central circundado pela trama. Ela aparece ligada àquilo que recebia o mais alto grau de valorização na Europa daquela época: ciência, razão, polidez e ordem. Segundo Arthur Herman, nos séculos XVIII e XIX a concepção de civilização refletia uma idéia de progresso da sociedade, pois se a sociedade caminhasse em direção ao melhor, caminharia da barbárie à civilização (HERMAN, 1999: 29). O romance de Conrad expressava uma idéia corrente no século XIX de que a civilização era a expressão mais alta do progresso humano e que principalmente a ciência moderna levaria a sociedade a tal fim.

O imperialismo, por sua vez, nada mais seria do que uma forma de levar aos outros povos esses valores “universais” vindos diretamente da Europa (a ciência, a razão, a ordem, a polidez), tão essenciais a uma forma civilizada de vida. Essa visão do imperialismo não permitia pensar a África e os africanos como nações soberanas e povos independentes, com culturas próprias, pois tudo o que se via na África era a falta do que havia na Europa. Segundo Edward Said, “Conrad nunca poderia usar Marlow para apresentar seja o que for além de uma visão de mundo imperialista, pois nada havia de não-europeu acessível aos olhos, fosse de Conrad, fosse de Marlow” (SAID, 1995: 57). Segundo essa visão imperialista, os povos inferiores ou subjugados existiam para ser dominados, pois a ciência, a erudição e a história vinham dos brancos europeus.

Segundo Patrick Brantlinger, a maior parte dos vitorianos de classe média e alta acreditava que poderiam existir muitos costumes “bizarros” no mundo e muitas

“superstições”, mas havia somente uma civilização, um único caminho para o progresso e uma única religião (BRANTLINGER, 1986: 186). Por outro lado, no discurso imperialista as vozes dos povos a serem dominados eram representadas quase completamente por seu silêncio ou sua ausência.

De acordo com Brantlinger, no século XIX, a aumento dos exploradores na África e o sucesso das teorias racialistas e evolucionistas nas ciências sociais foram combinados para dar ao público britânico uma visão de que a África necessitava do imperialismo nos campos religioso, moral e científico. A essa visão – formada por relatos de viajantes e romances de ficção – o autor dá o nome de “Mito do Continente Negro” (BRANTLINGER, 1986: 186).

Com a formação desse mito que a literatura tão bem divulgou, os britânicos começaram a ver eles mesmos menos como perpetuadores da escravidão e cada vez mais como os “salvadores dos africanos”. Cabe talvez esclarecer que, como bem coloca Brantlinger, as idéias anti-escravistas não eram necessariamente anti-racistas, pois a escravidão passou a ser associada justamente com o atraso e o barbarismo relacionados aos negros africanos. Ao final do século XIX, os britânicos tendiam a ver a África como um centro do mal, uma parte do mundo possuída pela barbárie, representada pela escravidão e pelo canibalismo, e tendiam a pensar que era seu dever “salvar” este local (BRANTLINGER, 1986: 194).

Dessa forma, a visão de dominação expressa em *O Coração das Trevas* revela a idéia tomada como “natural” de que os superiores devem subjugar os inferiores aos seus saberes, porque esse é um fim maior ao qual aqueles estão destinados. Sem contradizer esse espírito, Conrad demonstra uma visão crítica da exploração pela simples exploração que ele enxerga na África, colocando nas palavras do seu narrador o repúdio pelas atitudes de europeus imperialistas baseadas apenas nos fins lucrativos: “Não eram colonizadores; a administração deles era mera extorsão e nada mais, desconfio. Eram conquistadores, e para aquilo é preciso apenas força bruta” (CONRAD, 2006: 11); “seus propósitos morais eram tão elevados quanto os de um ladrão ao arrombar um cofre” (CONRAD, 2006: 58).

Nesse mesmo sentido, o autor expressa repúdio ao tratamento dado aos trabalhadores negros, descrevendo suas condições de vida e de trabalho com um tom crítico. As agressões contra negros, surras principalmente, são narradas com pesar, deixando claro que na sua concepção aquela forma não era a mais adequada para se chegar ao fim maior para o qual existia o imperialismo: “Estavam morrendo devagar – era evidente. Não eram inimigos, não eram criminosos, e agora era como se fossem seres de outro mundo – não passavam de

escuras sombras, doentes e famintas, amontoadas confusamente na penumbra esverdeada” (CONRAD, 2006: 31).

Na visão de Conrad levar luz às trevas, civilizar, era a justificativa e o fim do imperialismo. Ele critica a exploração do território e o tratamento dado aos nativos, mas estes, na sua concepção, não eram soberanos nas suas terras, deviam ser orientados, catequizados, civilizados. Não eram inimigos, mas eram inferiores. Nas palavras do narrador:

A conquista da Terra, o que na maior parte significa tirá-la daqueles que têm uma fisionomia diferente ou narizes ligeiramente mais achatados do que os nossos, não é uma coisa bonita quando você olha demais para ela. O que a redime é somente a idéia. Uma idéia que está por trás; não uma pretensão sentimental, mas uma idéia; e uma crença não egoísta na idéia – algo que se pode erguer, para depois se curvar diante e oferecer um sacrifício... (CONRAD, 2006: 12)

O narrador termina o parágrafo com as reticências, deixando o leitor refletindo sobre a “idéia”, que afinal ele não explica qual é, mas não é difícil compreender. A idéia que redime a conquista da terra alheia é a de que era necessário, até mesmo um dever dos brancos, livrar os negros e a África de seu próprio barbarismo. Essa idéia é expressa claramente em trechos como as conversas que Marlow tem com sua tia, “Ela falava em ‘arrancar aqueles milhares de ignorantes de seus horríveis costumes’ ” (CONRAD, 2006: 22), e com um outro agente da companhia, sobre o Sr. Kurtz: “ ‘É um emissário da piedade, da ciência, do progresso e do diabo a quatro. Precisamos’, começou de repente a declamar, ‘para nossa orientação na causa que nos foi confiada pela Europa, por assim dizer, de inteligência superior e unidade de propósito’ ” (CONRAD, 2006: 47).

Assim, os agentes da companhia acabam se tornando emissários da ciência e do progresso. Não há qualquer reflexão se esse tipo de progresso seria útil para a África, uma região tão diversa entre si e principalmente tão diversa da Europa, onde aí sim a noção de progresso fazia sentido. Nesse momento na Europa a idéia de evolução, muito aceita depois que Charles Darwin publicou *A origem das espécies*, em 1857, era tomada como uma verdade e poucas coisas poderiam escapar desse raciocínio evolucionista.

Dessa forma, no romance de Conrad aparece uma linha evolutiva do tempo, bem como aparece uma linha evolutiva das raças e ambas estas linhas se comunicavam entre si: como se fosse possível que uma determinada raça tivesse ficado parada no tempo e fosse inferior justamente por isso.

A África, no livro de Conrad, representa um lugar que se encontra em outro tempo cronológico, nos primórdios do mundo: “Éramos viajantes numa terra pré-histórica que possuía o aspecto de um planeta desconhecido. Podíamos imaginar-nos como os primeiros

homens tomando posse de uma herança maldita, que só seria subjugada à custa de grande esforço” (CONRAD, 2006: 67).

Percebe-se que a África, o lugar a ser dominado, situa-se numa posição muito inferior numa linha evolutiva criada por uma cultura que não era a sua, enquanto a Europa, o berço do evolucionismo, está numa posição bem mais vantajosa. Também não se pode deixar de destacar que nesse trecho do romance a África é colocada como uma herança que ficou para a Europa tomar conta, um lugar onde ocorrem os mais terríveis horrores e o qual a Europa tem a missão de salvar. A África não é mencionada por Conrad de outro modo senão como trevas, caos, inferno, bem de acordo com o “Mito do Continente Negro” de que fala Brantlinger.

Se isso era válido para os locais, então para seus habitantes não poderia deixar de ser, de forma que o homem negro no texto de Conrad era o homem pré-histórico:

(...) um turbilhão de braços negros – mãos aplaudindo, pés batendo –, uma verdadeira explosão de gritos, corpos oscilando, olhos rolando, à sombra de pesada e imóvel folhagem. O lento vapor esforçava-se para avançar ao largo desse negro e incompreensível frenesi. O homem pré-histórico estava nos amaldiçoando, rezando para nós, dando-nos boas-vindas – quem é capaz de saber? Fôramos apartados da compreensão de nossas referências; deslizávamos por ali como fantasmas, perplexos e intimamente horrorizados, como homens normais estariam diante de uma explosão de entusiasmo num hospício. Não podíamos compreender porque estávamos longe demais, e não lembrávamos por que estávamos viajando na noite das primeiras eras, de épocas que haviam desaparecido, mal deixando um sinal – e nenhuma lembrança. (CONRAD, 2006: 67)

Percebe-se que na narrativa o homem branco está muitos anos a frente do homem negro. Dessa forma, tudo o que o homem branco tem, ou o que é percebido como um ideal para o homem na Europa, é justamente descrito como falta no homem negro: principalmente a racionalidade. O uso da razão, baseado em evidências como as inovações científicas e tecnológicas, era uma das bases para afirmar que o branco estava num estágio superior ao negro na teoria das raças. É importante lembrar que no século XIX a teoria das raças nas ciências está em plena produção e que um meio de divulgação dessa doutrina científica eram os romances.

No longo período em que o racismo² esteve em voga nas ciências, a doutrina não foi uniforme, como podemos perceber pelo estudo de Tzvetan Todorov (TODOROV, 1993). Por exemplo, a realidade da unidade do gênero humano foi bastante discutida, chegando alguns autores, como Buffon e Voltaire (estes escrevendo ainda no século XVIII), a partilharem convicções de que as raças inferiores tinham uma natureza quase animal. O pensamento de

² Entende-se por “racismo” aquilo que Tzvetan Todorov denominou como as doutrinas científicas que pregavam a existência de diferentes raças na espécie humana (TODOROV, 1993: 114).

Voltaire será muito adotado por racialistas do século XIX, pois para ele a diferença entre as raças era tão profunda que era lógico pensar que nem todos os humanos pertenciam à mesma espécie, assim, as raças seriam espécies e os negros estariam no mesmo nível de outros animais.

Essa representação, de negros associados a animais, é muito forte no romance de Conrad. Primeiramente aproxima-se do pensamento racialista ao descrever negros como se esses fossem destituídos de qualquer pensamento racional: “Um, com o queixo apoiado nos joelhos, olhava para o vazio, de um jeito intolerável e assustador (...)” (CONRAD, 2006: 32); “os olhos miravam fixos para o alto da colina. Passaram por mim a uma distância de quinze centímetros, sem sequer me olharem, com aquela completa, mortal, indiferença de infelizes selvagens” (CONRAD, 2006: 32). Passagens como essas lembram as deduções (mais do que observações) de Buffon citadas por Todorov: “Todos esses selvagens têm um ar sonhador, embora não pensem em nada” (TODOROV, 1993: 115).

Mas a falta da razão não é o único estreitamento entre negros e animais feito em *O Coração das Trevas*, as analogias nas suas características físicas são largamente utilizadas. As descrições dos “selvagens”, como sempre são chamados os negros no romance, remetem quase sempre às expressões utilizadas para animais como “lombo”, “uivar”, “narinas ferozes” ou “dentes afiados” (CONRAD, 2006: 28, 69, 76, 77).

Mais fortes ainda são as menções do narrador comparando diretamente alguns de seus trabalhadores com animais, como quando descreve o foguista: “Ele ficava lá, bem abaixo de mim, e, palavra de honra, olhar para ele era tão edificante como olhar um cão fantasiado de homem, de culotes e chapéu de pena, andando nas pernas de trás” (CONRAD, 2006: 69). Assim como quando descreve o timoneiro, no momento em que o navio estava sendo atacado: “O idiota do timoneiro, com as mãos nos raios da roda, levantava alto os joelhos, batia os pés e rangia os dentes, como um cavalo em rédeas” (CONRAD, 2006: 85).

Outras situações vividas pelo narrador transmitem essa idéia. Por exemplo, quando Marlow encontrou-se com alguns negros que descansavam do trabalho (CONRAD, 2006: 32), olhou para um deles e a única coisa que lhe ocorreu foi oferecer-lhe um biscoito, como se oferece a um cachorro. Nenhuma outra iniciativa, nenhuma tentativa de comunicação com aquele que seria seu igual. A imagem descrita pela cena nos faz lembrar um homem sendo piedoso com um animal faminto, nada mais. Da mesma forma, a imagem do negro que depois de espancado, por supostamente ter provocado um incêndio, lembra a de um animal que depois de capturado consegue libertar-se e voltar à natureza: “Posteriormente, levantou-se e partiu – e a selva, sem um ruído, acolheu-o outra vez em seu seio” (CONRAD, 2006: 44).

Sobre essa aproximação de negros com animais, podemos lembrar que eram comuns na Europa do século XIX os zôos humanos expondo africanos para a apreciação do europeu comum. Por serem considerados exóticos, vistos como radicalmente diferentes, eram tratados da mesma forma que animais (BANCEL, 2004). Os zôos humanos eram a expressão da popularização e da divulgação do conhecimento científico, assim como eram também os romances.

Em *O Coração das Trevas* as analogias entre animais e negros são tantas que ao final do livro o leitor, mesmo sem perceber, já observa o negro, chamado de “selvagem”, como um animal, já o imagina enquanto tal. Coerentemente, Joseph Conrad passa uma imagem do homem branco sempre associada a atributos positivos. Tudo que se refere ao homem branco tem relação com a sua missão civilizadora: o conhecimento, a polidez e a força física.

É justamente esse contraste entre negros e brancos, essa diferença tão profunda, tão bem delineada pela narrativa de Conrad, que leva o narrador a expor uma reflexão que já fazia parte das suas descrições – o fato de considerar os africanos como iguais aos europeus, ou seja, humanos, era algo praticamente inadmissível para o olhar do europeu:

(...) Era algo extraterreno, e os homens eram... não, não eram inumanos. Bem, vocês sabem, não havia nada pior do que a suspeita de que não eram inumanos. E essa desconfiança pouco a pouco se apoderava de nós. Uivavam, saltavam, rodopiavam e faziam caretas horrendas; mas o que mais impressionava era a idéia de que eram criaturas humanas... como nós, a idéia de que havia um remoto parentesco entre nós e aquele selvagem e apaixonado furor. Horrível. Sim, era absolutamente horrível; mas se éramos homens o bastante, admitiríamos que havia também dentro de nós, por mais débil que fosse, uma certa receptividade à terrível franqueza daquele alvoroço, uma vaga suspeita de que havia ali um significado, que nós – tão distantes da noite das primeiras eras – podíamos compreender.
(CONRAD, 2006: 68)

Assim, com essa descrição o autor está de acordo com o pensamento científico que procurava distanciar quanto fosse possível os brancos dos negros, chegando a ensaiar uma forma de negar a estes a humanidade. Tratar os africanos como se não fossem humanos era a forma mais conveniente de legitimar as ações imperialistas.

Percebemos também que ao final desse trecho do romance o autor revela uma preocupação, que é recorrente principalmente na literatura, de essa “selvageria” seduzir o homem civilizado (BRANTLINGER, 1986). Brantlinger mostra que há uma mudança no século XIX da imagem do africano, que antes (no século XVIII) era mais naturalista e passiva, para uma imagem ameaçadora, muito ligada à imagem do canibal, largamente utilizada pela literatura desse período, o que Conrad faz em algumas passagens. A imagem do

canibalismo é uma forma de aproximar os africanos de uma visão animalesca, mas por outro lado, também remete ao medo da civilização ser “engolida” pela barbárie.

Esse medo exprime a idéia de que a África tinha que ser dominada, pois havia um risco da barbárie, da selvageria, afastar os homens da civilização: “Seríamos capazes de dominar aquela coisa muda, ou ela é que nos dominaria?” (CONRAD, 2006: 50). Ou seja, não ter capacidade para dominar era um grande perigo para o homem branco que entrasse nas trevas. Era como se a selva pudesse fazer o homem branco lembrar o seu passado pré-histórico e voltar aos instintos, esquecendo a civilização e a razão.

No romance a representação desse problema acontece principalmente pela história do Sr. Kurtz, que é o representante desse homem que foi captado pela selva, dominado por ela. Quando o Sr. Kurtz deveria deixar o seu posto (que já estava sem provisões), junto com o seu empregado, trazendo o marfim extraído, ele resolve, no meio do caminho, voltar para o interior da selva, sem motivo lógico. Ao relatar o resgate do Sr. Kurtz, diz Marlow: “Tentei quebrar o encanto – a pesada e muda maldição da selva – que parecia arrastá-lo para o seu impiedoso seio, ao despertar esquecidos e brutais instintos, pela lembrança de gratificantes e monstruosas paixões” (CONRAD, 2006: 126).

Foi justamente do Sr. Kurtz, que estava imerso no poder das trevas, que Marlow ouviu como últimas palavras a frase que ficou célebre para a literatura inglesa: “O horror! O horror!” (CONRAD, 2006: 133). O Sr. Kurtz disse somente isso e ficou tudo entendido: era a dita selvageria, a barbárie do homem africano. Como poderiam os leitores reagir a tais imagens?

A narrativa de Conrad transmitia uma visão uniforme da África e dos africanos que os colocava bem abaixo da Europa e dos europeus, que transmitia a idéia de que os negros se aproximavam dos animais e de que a África era o lugar da barbárie e da pré-história. Esse lugar precisava ser dominado porque era altamente ameaçador. Vemos assim que esse tipo de romance exerceu um papel fundamental no discurso imperialista, porque legitimava diante dos próprios europeus as ações imperialistas na África. A imagem do negro africano como um ser inferior e da África como o local da barbárie, difundida nesse período na Europa por romances e por outras formas culturais, repercutiu durante muito tempo e podemos perceber sua influência nos comportamentos racistas do século XX e de hoje em dia.

Referências Bibliográficas

BANCEL, Nicolas et alli. *Zôos humains au temps des exhibitions humaines*. Paris, La Découverte, 2004.

BRANTLINGER, Patrick. Victorians and Africans: the genealogy of the myth of the dark continent. In: GATES Jr., Henry Louis. *"Race", writing and difference*. Chicago, University of Chicago Press, 1986.

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre, L&PM, 2006.

HERMAN, Arthur. *A idéia de decadência na História Ocidental*. Rio de Janeiro, Record, 1999.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.